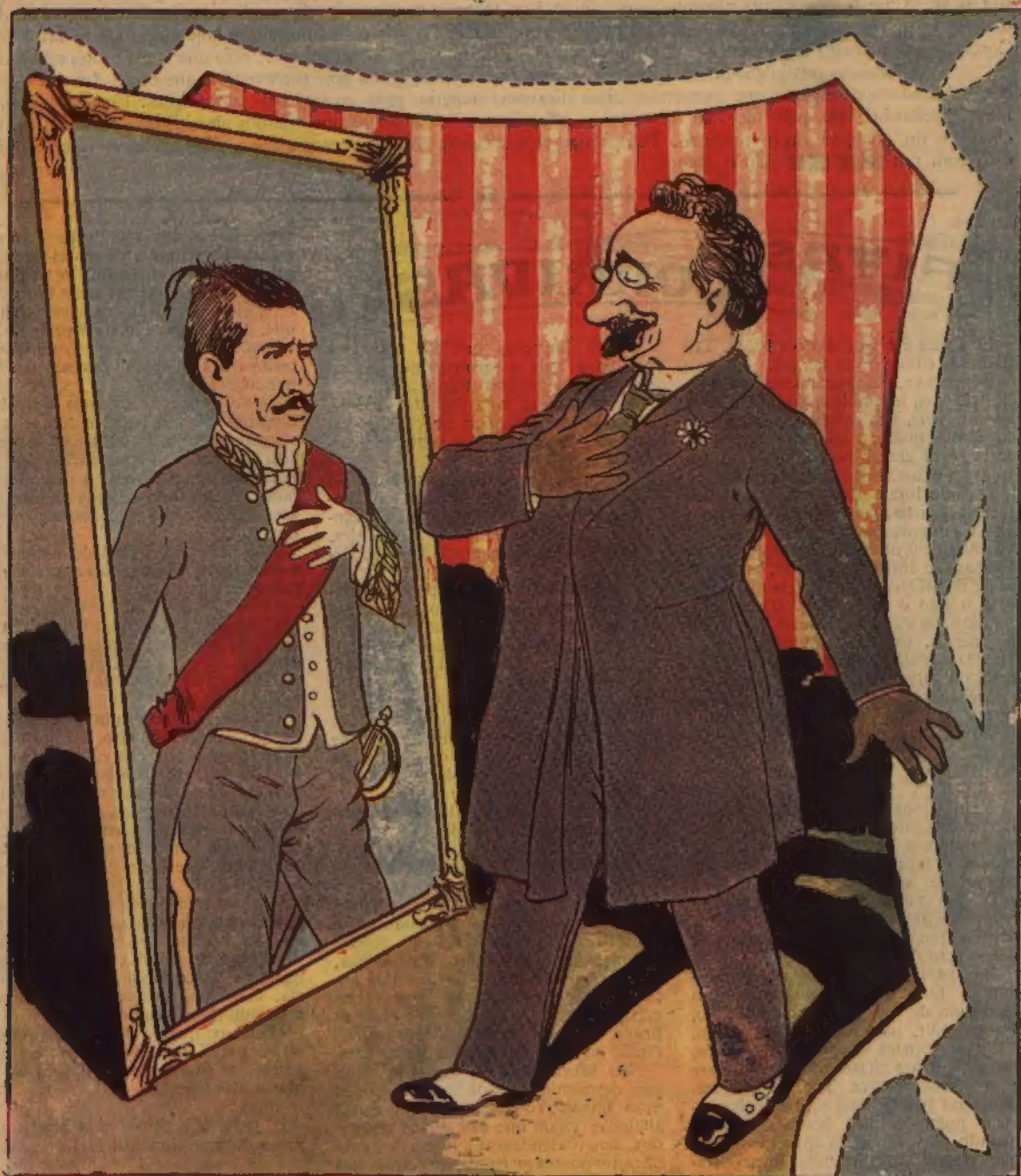
N.º 131 (3.º)—(253)—5.º ANNO Quinta-feira, 15 de Maio de 1913 Preço 20 Rs.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico;
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ARLINDO BOAVIDA
ADMINISTRADOR
SERTORIO RAMOS

COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO
nas Officinas Graphicas do jornal O ZÉ
Rua do Poço dos Negros 81, 1.º

Successor do jornal XUÃO Redacção administração, R. do Poço dos Negros, 84

Que belleza d'homem!...

Mas que rapaz tão sympathico está o sr. doutor! Parece mesmo o Xuão, não acham?

RESPOSTA A' LETRA

Atoardas e calumnias — Como nós partimos os dentes aos que nos difamam

AINDA A NOSSA ATTITUDE

Certos fantoches politiqueiros que não sabem dizer duas palavras sem lhes porem no fim um viva ao sr. Affonso ou ao sr. Antonio, entretêm-se a bordar considerações sobre a nossa attitude, dizendo, com as boccas a espumarem de sectarismo, que **O Zé** virou a casaca, não se lembrando já do tempo em que recebia favores do sr. Affonso Costa, do sr. Bernardino Machado e de outros republicanos de cotação, favores esses que deram a vida ao jornal.

De ha alguns annos que vimos fazendo o sacrificio de não fallarmos, para desmentirmos a atoarda. Mas, já que assim o querem, fallemos.

Esses que inventam os taes favores calumniam e mentem como pêrros. Nem no tempo d'**O Zé** nem no tempo d'**O Xuão** recebemos favores de altos republicanos ou de coisa que se lhes pareça. Os unicos prestados cá á gazeta — n'esse tempo não eram favores, eram optimos meios de propaganda — foram os que nos dispensou o sr. Affonso Costa, que algumas vezes foi á Boa-Hora defender-nos da sanha que sobre nós incidia o sr. Correia Leal, na qualidade de delegado do ministerio publico. E, por isso mesmo, é que hoje atacamos o sr. Affonso Costa, na sua maneira de proceder com a imprensa. Hontem atacavamos os censores; hoje atacamos os apprehensores.

Affonsistas nos julgavam os que, por escrevermos, como ainda hoje escrevemos, que o sr. Affonso Costa é o republicano mais esperto que avesamos, disso tiravam materia para aventarem supposições. Enganaram-se, tenham paciencia! Mas, pelo facto de não sermos affonsistas, não se segue que sejamos almeidistas, camachistas, machadistas ou qualquer outro palavrão. Temos sido republicanos; continuaremos a sê-lo. Mas carneiros que se intimidem com um **vou-me embora** não o somos.

Este paiz é o paiz das occasiões. Tão depressa chove como faz sol.

Observa-se este phenomeno, quasi todos os dias, na politica, no commercio, na industria, nas batatas e nos agriões. E, d'este modo, a imprensa não podia furtar-se a entrar no rol das coisas attingidas pelos tentaculos da régra.

Quando foram apprehendidos os primeiros jornaes, pelo governo do muito alto e poderoso sr. Affonso Costa, uma vosearia de protesto se levantou nas columnas de todas as gazetas, excepção feita do *Mundo* e da *Patria* que acharam o acto o mais natural d'este mundo. Artigos vibrantes, cheios de máscula energia, onde as reivindicações da imprensa palpitavam raivosamente, accudiram celeres em defesa dos collegas apprehendidos, n'uma ancia de patentear ao governo e aos seus séctarios que n'isto de imprensa são todos por um como um por todos... excepção feita do *Mundo* e da *Patria* que estão em cima.

Tudo promettia uma campanha brilhante e vigorosa, em próI dos interesses moraes e materiaes da classe. E dizêmo-lo francamente: d'esta vêz esperavamos que a imprensa não se calasse, como em todos os casos bicudos tem feito uma Associação que para ahi existe e a que se costuma dar o nome de Associação de Imprensa.

Mas, passados os primeiros enthusiasmos... tudo cahiu no marasmo. E o fenómeno de que fallámos, a principio, fêz-se sentir, para não sêr desmentido.

Novos jornaes foram apprehendidos, entre os quaes citaremos a *Terra Livre* e o *Revolucionario*. Todavia procurámos, nas gazetas que alguma coisa haviam pugnado pela honra da classe, quando das primeiras apprehensões, e que vimos? Ligeiras notas de reportagem, meia duzia de linhas que um reporter faz á pressa sobre o joelho, em qualquer banco do governo civil. Tudo isto sem um commentario.

Pobre imprensa que tão reduzidos paladinos tens a encobrirem-te das furias dos governantes despeitados!

Martyrisam-te com leis de torquêz, dão cabriolas selvagens em cima do teu estatuto, ouvem-se uns protestos *masqués* e mais nada.

Vem a politica e harmonisa tudo. Só meia duzia de modestos escrevinhadores que se estão nas tintas para os interesses que podem advir da politica, ficam em campo, cumprindo o seu dever.

Por isso *O Zé* tambem fica. *O Zé* continua classificando de abuso de podêr o que se está fazendo á imprensa que não engraxa as botas ao govêrno. Abuso de podêr, arbitrariedade, desmando, eis as palavras com que baptisamos o acto governativo. Se os *infelizes* jornaes que cahiram no desagrado democratico, pretenderem lavrar algum protesto que não saia dos limites da delicadêza, do bom senso e da educação, as columnas d'*O Zé* estão ás ordens.

Que mais não seja, até sêrmos suspensos ou apprehendidos.

*

Segundo affirmam telegrammas enviados a alguns jornaes, uma gazeta allemã noticiou que aos revolucionarios republicanos, presos ultimamente, e mandados sem consideração de especie alguma, para um canto dos Açôres, foram apprehendidos documentos importantes, entre os quaes algumas cartas escriptas por D. Manoel, por onde se prova que este rei *travesti* teve interferencia nos acontecimentos de ha dias.

Não sabemos se tal noticia foi, é ou será desmentida, depois de escrevermos estas linhas. Todavia, para que certas alminhas vejam que não somos renegados nem pretendemos apoucar a Republica nos nossos escriptos, apressamo nos a emittir a nossa opinião sobre o assumpto:

Dado o caso de ser verdadeira a noticia, isto é, se effectivamente foram apprehendidas aos revoltosos cartas firmadas pelo punho do ex-rei de Portugal, é preciso distinguir se os possuidores d'essas cartas eram individuos republicanos ou se eram monarchicos que, porventura, tomaram parte no movimento, para o deturparem, utilisando-o assim para o bom successo das suas pretenções realistas.

Se são monarchicos esses individuos, estavam no seu papel e competia aos sinceros revolucionarios não se deixarem enganar com apparencias.

Se são republicanos, o que não crêmos, deixam de o ser, porque não passam de vendidos sem honra nem vergonha.

Não será esta a verdadeira doutrina, a mais logica? Talvez nos apprehendam por dizermos isto...

*

Chega-nos aos ouvidos um caso curioso que mostra á evidencia a maneira conscienciosa como a policia tem procedido com os presos dos ultimos acontecimentos.

Um rapaz, empregado no escriptorio do dr. Mario Monteiro, foi preso e levado para o governo civil por um policia da reservada. Como era elle o responsavel pelas chaves do escriptorio e não poude entrega-las a pessoa da sua confiança, metteu-as na algibeira, conservando-as em seu poder durante o tempo em que jazeu detido n'um calabouço.

O rapaz esteve oito dias ás ordens da policia que, n'esse praso de tempo, não lhe dirigiu a minima pergunta sobre o paradeiro do patrão ou sobre outro qualquer assumpto de interesse. Todavia, á sahida, obrigaram-no a assignar esta importante declaração:

«Declaro que, durante o tempo que estive preso, conservei sempre em meu poder as chaves do escriptorio do dr. Mario Monteiro.»

Toma!

E para isto conserva-se um homem preso durante oito dias!...

*

Recebemos a seguinte curiosa carta:

Sr. redactor.

Lemos no vosso semanario de 8 do corrente

que o ministro (o biologico) mandou arriar a bandeira nacional da fachada d'O *Zé»* no dia 1.º de Maio. A proposito vamos contar-lhe um facto passado a dois passos de Lisboa e que os vossos leitores devem comparal-o com a arbitrariedade que se fez a «O *Zé*». Em Parede, perto de Cascaes, existe uma philarmonica, que hontem, domingo, içou n'um dos mastros a bandeira nacional, como de costume fazia, sempre que havia festa. Oregedor, tambem um *biologico* de 1.ª ordem, foi á musica e.. zás, mandou arriar a bandeira. Passadas 3 horas, reconhecendo a asneira, consentiu que a bandeira fosse içada mas no mastro de *honra*. Até aqui vae bem... mal. Ainda não se passaram 24 horas, depois d'esta scena e n'um animatographo que se está construindo n'esta mesma localidade, de que são proprietarios (alem d'outros) o secretario da administração do concelho e o referido regedor, fez se hoje o pau de fileira e com assombro de todos que a isto assistiram vimos içadas na obra, seis bandeiras, 4 ao centro (alemã, ingleza, franceza, e hespanhola) e aos dois extremos *duas bandeiras nacionaes!!!* Isto acompanhado do respectivo foguetorio, vivorio e c ldeirada. Será esse futuro edificio do .. estado? Ou isto de botar bandeira nacional será previlegio de *biologicos!*! «O Zé» que faça o favor de nos explicar, porque a maioria do zé não percebe nada.

Farede 12-5-913

Um amigo dO Zé,

Quer saber o *amigo d'O Zé* porque existem d'estas desegualidades? E' porque ainda não appareceu a esponjamilagrosa que ha de limpar a cara a muita gente bôa... Depois verá que todos podem içar bandeiras.

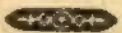
SÓ A REVOLUÇÃO!

A cada auria ilusão surge o seu desengano,
Que nos móstra a nudez agréste da verdade...
E' uma grande ilusão o Povo sêr sob'rano,
Quando el' apênas é o alvo da iniqu dade.

São pêtas, espressões banais, com que o tyrano,
Julga ir entravár a marcha á humanidade...
Se vem nóva ilusão apôz o desengano,
Cada desilusão tráz mais claridade!...

Sucedêu ao Feudal o pérfido burguêz,
E a este com vigôr, se opôi o socialismo,
Que para nósso mal outra ilusão nos tráz;

«Escuta, produtôr; (propága o Anarquismo)
—A verdade a raiár sómente tu verás,
Quando a revolução fizér o Comunismo!...»

Porto, 1913. **Salvaterra Junior.**

Tem a bondade

Ha dias o sr. Alvaro Pope, na Camara dos Deputados, fêz tamanho *banzé* que até o proprio presidente perdeu as estribeiras.

O' sr. Pope! Faz favôr de fasêr mais barulho!... Aquillo é seu...

Diminuir a barriga ao Dr. Estevão de Vasconcelos.

—O cidadão Ricardo Covões deixar de sêr o grande amigo do... *Povo*.

—As thalassas portuguezas conseguirem angariar o dinheiro preciso para podêrem comprar uma prenda de valor depauperádo D. Manuel 2.º, por ocasião do seu casamento.

—O jornal *As Novidades* sêr republicano, conforme diz o tio Antonio Zé.

—O *Dia* não dizêr todas as noites que Portugál está á beira do abysmo.

A *Lucta* deixár em paz o D. Quichote e o Sancho França.

—Uma centêna de furiosos leões não sêr mais mansa do que uma escassa meia duzia de sufraguistas inglezas.

—Os thalassas *abichárem* a amnistia.

—Não sêrem muito reinadias as conferencias na Arcada de Londres, antiga sede da ridicula liga do... carapau!

Lambisgoia.

Entrevista com o tristemente celebre João Franco de gloriosa memoria para a talassaria indigena

Cá — D'aqui á fronteira. Em Biarritz. A' procura dêle. Emfim sós. — Chatisfeitichimo. — A etiqueta d'hotel.« — Au revoirs e mercis«

Tendo-nos impressionádo, viva e desoladamente, os acontecimentos que neste canto da Europa, jardim á beiramar plantado, se teem desenrolado desde os ultimos dias d'abril e que desta cidade de marmore e de granito teem feito tablado inquisitorial, apreendendo-se e suspendendo-se jornais, mandando barra fóra cidadãos portuguezes e republicanos, supuzemos que se restaurára a monarquia com o seu mais tiranico sustentaculo, João Franco.

O nosso correspondente especial em Biarritz enviou-nos um telegrama que no passado numero publicámos e isso mais radicou aquela nossa suposição. Uma manhã acordamos estremunhados, depois dum terrivel e duradoiro sonho durante o qual viramos uma carruagem ladeada pelos sumptuosos e vistosamente ajaezados cavalos da Municipal, seguida duma enorme multidão que, em gritos estridentes, soltava morras ao tirano, ao despota, ao prepotente chefe talassa João Franco. Abrimos um diario da manhã e na primeira pagina deparamos com a noticia d'apreensão dos nossos colegas: *As Novidades, O Sindicalista, O Socialista* e *O Intransigente*. Aterrados, convencemo-nos de que o sonho se realisára. Saltamos da cama, enfiamos as duas pernas das ceroulas numa só das nossas, calçamos ambas as meias do avêsso, trocamos as botas, calçando a do pé esquerdo no direito e vice-versa, abotoamos o colete todo torto, vestimos o casaco com o fôrro para fóra e torturando os cálos, com os cabêlos a prumo, assomamos á janela da nossa redacção que por ser dia de gala decretado pelo governo da Republica ostentava içada a bandeira nacional.

Nenhum movimento desusado se notava e isso serenou o nosso espirito, e procuravamos acalmar os nervos para trabalhar quando sentimos bater violentamente á porta. Receosos abrimos e deparamos com um policia civil ou civico *(P. C.)* que sem mais cerimonias, nem licenças, nem cumprimentos, nos entra pela porta dentro e com ares furibundos exclama: «Tire já dali aquela bandeira!»

— Mas...

—Não ha *mas* nem meio *mas*. Tire a bandeira! *Ordes* são *ordes*. Está lá na esquadra. Tire, tire!

A nossa convicção aumenta e radica-se.

Arreamos a bandeira, deixamos nú o pau solitario e triste e aguardamos os acontecimentos até que um nosso amigo nos diz ao contarmos-lhe o que se passára:

—Não, homem. O telegrama refere-se á sahida do Franco mas com certeza se não dirigia para Portugal. Sonhos são sonhos. As appreensões é que por mais que procure explica-las não o posso fazer. E' a unica coisa, do que contaste, que é verdade.

—Ora essa. Então e a ordem para tirar a bandeira? Não é verdade? Essa é bôa?! Ouvi eu! Fui eu que a tirei, obedecendo á intimativa do policia!!

—Pois, meu caro, quem é o chefe do ministerio é o Afonso Costa, aquele que tu muito bem conheces dos comicios contra as leis de excepção e apreensões de jornais, o que entrou e planeou o 28 de Janeiro, o que foi preso e posto fóra das camaras quando era deputado.

—Bem, dissemos nós. Se assim é vamos a trabalhar que já é tempo. Transtornam-nos tanto a nossa vida estas coisas!!

Quando, porém, estavamos na lufa da nossa obrigação lembrou-nos que deviamos apurar o caso e ir até *Biarritz*. Saía o *sud-express* na manhã seguinte. Fomos pôr no prego os dois cordões que nos deixára a nossa avó paterna, comprámos o bilhete e tomamos o nosso logar e nós aí vamos á fronteira onde varios *carabineros* nos olham desconfiadamente.

Não muito satisfeitos com tais atenções lá partimos, chegando á linda Biarritz, onde procuramos alojamento no hotel d'*Angleterre*, no centro da cidade, dando-nos ares *d'alguem* que leva missão importante para desempenhar: Emfim fazemos das tripas coração e começamos por perguntar onde morava o sr. João Franco.

—*Je ne sais pas*, diz-nos o *petit garçon*.

—*Merci bien.*

E aí saímos nós á procura do nosso homem.

Acercamo-nos dum policia e perguntamos; onde mora o sr. João Franco?

—*Je ne comprends pas*. E volta-nos *delicadamente* as costas.

Vemos um carteiro e zás.

Diga-me *usted* onde mora *el* señor João Franco? *Lo sabe usted?*

—Mr. *Juon Francó. Oui. C'est lá*. E aponta-nos um lindo palacete rodeado dum florido jardim.

— *Merci beaucoup.*

— *Pas de quoi.*

E lá fomos nós premir o botão de polido metal amarélo, que estava cravado numa colunata de marmore que sustinha o gradeamento que em volta do chalet reservava o bem cuidado jardim. Um creado vestido corretamente, tendo na fronte estampado essa caracteristica indelevel do serviçal e dedicado português inquire de nós o que desejamos.

Entregamos-lhe o nosso cartão. Ao lêr o nome do jornal, que representavamos — O Zé —, fita-nos e diz-nos:

— Não sei se o sr. Conselheiro poderá falar-lhe já. Creio, porem, que terá disso o maior desejo: Queira entrar e aguardar-me um pouco naquele vestibulo. Vou anuncia-lo.

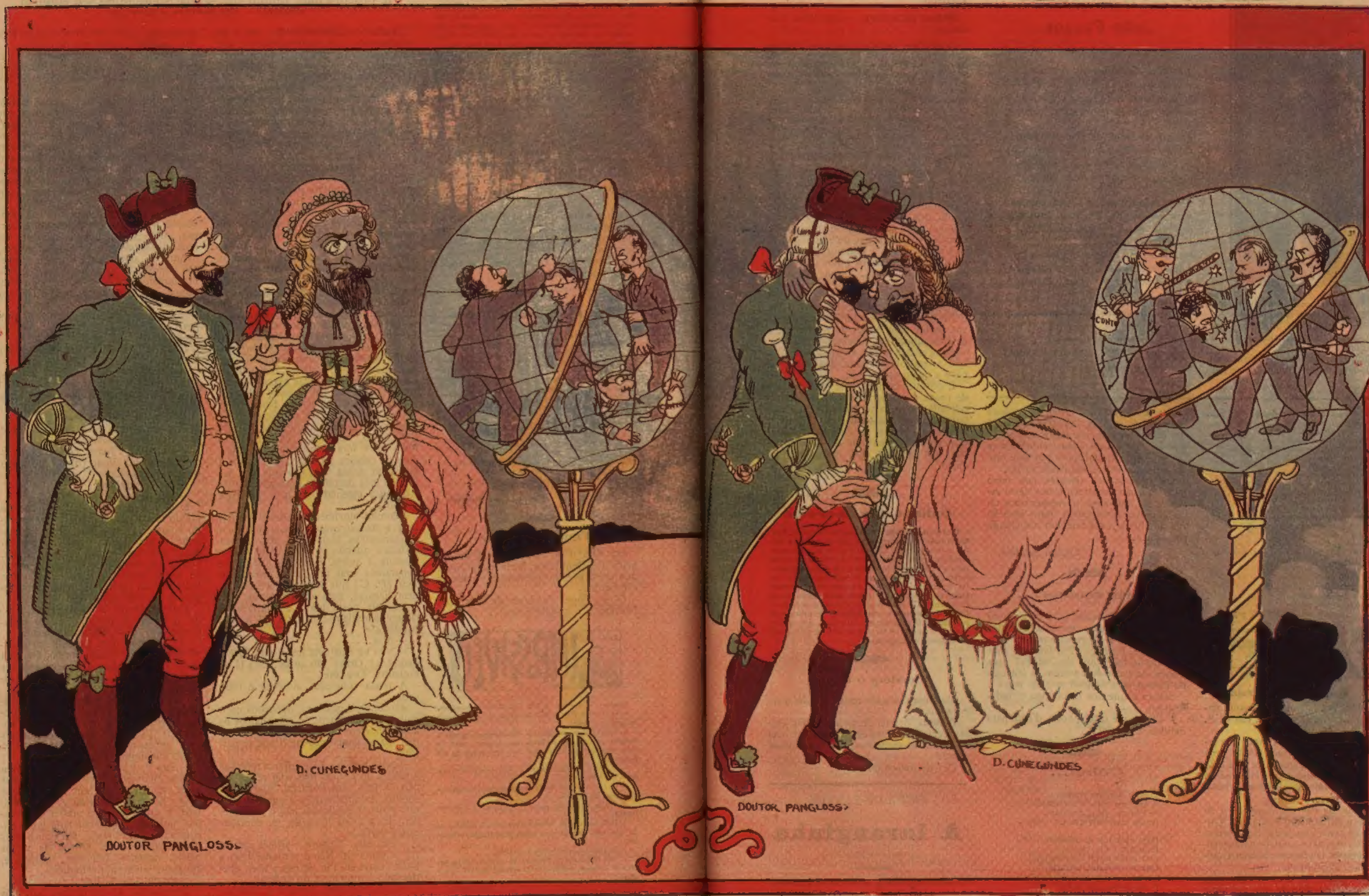
Dizendo isto sobe uma atapetada escadaria que do atrio, onde me encontrava, servia de acesso ao primeiro andar da habitação. Momentos depois com ar sorridente e afavel desce o nosso introdutor, dizendo:

— Sua Ex.ª pede-lhe para subir. Tem poucos momentos para dispôr; mas esses vai dedica-los em saber a que deve a honra da visita de V. Ex.ª. Subimos e numa pequena mas elegante saleta mobilada com requintado gosto encontramos João Franco, um pouco mais velho, rodeado de jornais de varios países, italianos, franceses, ingleses e, em maior numero, portuguêses.

— Permita-me V. Ex.ª

Levantando a vista dirige-a para nós e erguendo-se do *fauteuil* delicada e cortezmente dirige-nos um cumprimento, estende-nos a mão e exclama:

(Continúa no proximo numero).

Dr. Pangloss° Costa e Cunegundes França

ANTES DO CHOCOLATE:

—Ai, Cunegundes! Este é o melhor dos mundos imaginaveis!
– Que queres, filho!... Faz-se o que se pode...

DEPOIS DO CHOCOLATE:

—Ai, Cunegundes! Este já não é o melhor dos mundos imaginaveis!...
—Paciencia, filho!... Mas olha que ainda se faz o que se póde...

As minhas notas

Qual é o melhor violoncelista?

João Passos

(Sexteto do Salão Central)

Vencedor n'esta lucta já famosa
Passos exulta, e o povo enternecido
vota no mestre, o artista preferido
de altos valores, de carreira honrosa;

grande em saber, barriga aparatosa,
cabello em desalinho e bem comprido;
uma bolla de carne, e a si cingido
o genio, e a fama já de si ditosa.

Maior não sei, nem ha maior verdade
para homenagem, fructo da lembrança
que este concurso dá na qualidade,

na escolha, no valor e na mestrança.
Luz que deslumbra n'esta escuridade
arte e saber desde o cabello á pança!

— .

1.º *João Passos:* — Muito cabello, muita barriga, muita arte e pouca altura.

2.º *José Henrique dos Santos:* — Bom maestro, bom violoncelista, bom flautista. Segundo votado.

3.º *Quilez:* — Subdito de Afonso III, de O'Donell, e do Bonet. Apreciado artista.

Fim. E agora ponto nos concursos, porque isto de concursos de musicos tem que ter muita harmonia... nos votos, nos votantes... e nos votados!

A todos felicito.

Vinicio.

O saloio!... Será possivel?...

Mais manhoso que o Facada,
Certo gajo dos de Loures...
Fez constar que a *namorada*
era linda quaes amores...

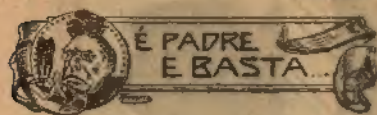
No viver d'esta donzella
Muitos ousaram bulir. .
Os mirones atraz d'ella
'té dão vontade de rir!

A muito honrado marmanjo,
Sabem, pois, que succedeu ?..
Julgando encontrar *um anjo*
Esbarraram c'o um camapheu!

Zé pequeno.

Nota do autor.

Pois caro amigo *saloio*,
Dize lá o que quizeres!...
Nem tudo é trigo sem joio,
Principalmente as mulheres!

Zé pequeno.

Por que esperam?

Mais uma vez fallamos no jesuita italiano Luiz Lêna, que mora na rua de S. Caetano, á Lapa n.º 43.

Este sujeitinho todas as vezes que está para haver movimentos anda n'uma roda viva sem que ninguem lhe vá á mão e não procure saber o que elle anda a fazer. Pois cr[illegible]iam que elle é suspeitissimo nos seus giros.

Ora anda na rua do Mundo, ora da Alegria ora em Santos-o-Velho, etc. Visita todas as casas que pode, dos talassas e faz a sua propaganda sobre a intervenção estrangeira a restauração monarquina e faz seu aliciumento.

Justifica todos os seus movimentos este *papa-Cristo* dizendo que vae dizer missas particulares. Este *Papa hostias* diz em segredo que o sr. Affoso Costa faz com que deixe de ganhar uns tantos réis por causa da maldita *lei da separação.*

Este tonsurado que o publico conhece por ter sido expulso da egreja do Loreto devido ás más immoralidades, este padre que se chama Luiz Lêna tranformou se em professor de italiano e por este modo consegue entrar em casas varias.

Os republicanos sinceros que teem mais atenção aos movimentos deste *come cristos*, que ainda na vespera dos ultimos movimentos esteve numa casa da rua do Mundo, casa tambem suspeita da politiquice...

Chacon Sicilian.

Parafusadas...

Vocês querem saber uma muito boa? Outro dia fomos ter com o Rodrigo Rodrigues e perguntamos-lhe:

—O' sr. Rodrigo! Porque será que, fallando ao telephone de Setubal para Lisboa, se paga dois tostões, e fallando de Lisboa para Setubal se paga três?

Sabem o que nos respondeu o parafuso?

—E' porque o telephone, d'aqui para Setubal, é a subir...

Cêbo!...

Dizia o Marques Fontoura
A um typo pôrco e borracho:
— Palávra, até te desdoura,
Andas mais sujo que um tacho...

Lógo com ares de portento,
Responde o dito borrácho:
—O andar assim tão sebento,
Que me deslustre, não acho!...

E o poderôso argumento
E' que o Camacho sebênto,
O porcalhão do Camacho,
Foi ministro do Fomento!...

Porto. **Salvaterra Junior.**

Lucta

Saber escrever: — Diz Brito Camacho:

«O leitor bem o sabe, se é dos nossos habituaes leitores — foi o processo de analyse e de critica, de analyse inspirada no pensamento de formar uma opinião justa, e de critica, inspirada no desejo de qualquer correcção util ou necessaria. Sempre nos repugnou a violencia das palavras, que todavia é decisiva em certos meios, na Praça da Figueira, tabernas, lavadouros e outros que taes logares selectos. Por isso nunca usamos uma linguagem violenta, isto é, uma linguagem grosseira, substituindo o argumento pelo insulto, pondo uma arrieirada onde devia estar uma ideia.»

Ainda que peze a muita gente, déssa que faz da imprensa uma tribuna de insultos e de chicanas, este jornalista, que muitos olham com inveja disfarçando, dissimulando essa inveja com a mascara da... politica, disse uma grande verdade, e o seu artigo de 8 do corrente vale muito mais, é superior a todos os *normandos*, a todos os gritos de revolta que certa imprensa... usa grosseiramente.

E se, com razão, faz uma queixa da velhacaria dos adversarios, que á sua frente surgem, maior será o assalto que vae sofrer pela beleza do seu artigo, e pela franqueza das suas afirmações.

Aqui, n'este jornal, afirmou-se ha dias que a responsabilidade dos escriptos cabe a quem os assigne.

E porque assim é, este meu pedaço de prosa é da minha inteira responsabilidade, certo, como estou de ser apontado como partidario de Brito Camacho, unicamente por ver no director da *Lucta* mais alguma coisa que o coloca superior aos insultos dos berradores de oficio.

Vinicio.

Coliseo dos Recreios

Está a despedir-se a companhia de opera. Ess temporada verdadeiramente gloriosa para a empreza vae finalisar, não sem que os ultimos espectaculos sejam outras tantas noites de triumpho para a excellente companhia e em que se apresentarão grandes novidades. A empreza decidiu bater o record do successo e conseguiu-o apresentando um conjuncto de notabilidade como jámais se viu em S. Carlos e levando á scena com brilho e triumpho as operas mais difficeis. Os ultimos espectaculos ficarão memoraveis pois que a elles ninguem faltará, e se alguem o fizer dá nota de sêr muito falho de gosto.

Perdem o tempo

Mais um crusadôr nosso que foi para o fundo.

E ainda, depois de uma *gallinha* d'estas, certos papalvos enchem a bôcca com as proximas manobras da nossa *divisão naval!*

Ora deixem-se d'isso!...

A difamação! — Ainda não cessou no Extrangeiro a nogenta campanha contra a nossa querida Patria. Chocolateiros sem escrupulos, portuguezes degenerádos e repelentes jesuitas aliados todos á já celebre duquêza de Bedford continuam na *santa cruzada* de dizêr mal do nosso Portugal.

Não ha processos, por mais indecoros qne elles sejam, que elles não empreguem na sua obra de difamação!

Tudo lhes serve!

Quando nos não podem acusar de qualquer facto sucedido, elles inventam e afirmam que Portugal é ingovernavel porque está em perpetua anarquia!

O que nos vale é que lá fóra, na Inglaterra, em França, Allemanha e muitos outros paizes, ha gente bem intencionada que opõe á repelente campanha difamatoria uma energica defêza da Republica, que, **apesar de tudo,** é ainda hoje e **será sempre** o regimen querido do grande Povo Portuguêz!...

Respondendo... — Pergunta-me uma ingenua donzella, que afirma pertencêr á alta sociedade, qual a minha opinião sobre o D. Miguel e D. Manuel...

Em meu entender os dois reis... sem throno, são dois loucos ou, para melhor dizer, dois ridiculos e desmiolados marionetes...

Oh! as mulheres!... — Em Inglaterra, as sufragistas teem feito o que ao Diabo não lembra!

Queimam egrêjas, arremessam bombas contra varios edificios e... assassinam inofensivos cachorros!...

Quando prêsas recusam-se a comêr. Os carcereiros, que, como o dr. Antonio José d'Almeida, teem uns corações de pomba sem fel, resolvem n'estas ocasiões dár-lhes liberdáde.

Em meu entender, e apesar de sêr todo deferencias para com o belo sexo, não é liberdade que ellas merecem mas, sim umas doses de chinello no sitio onde as costas mudam de nome...

Veriam como ellas tomavam juizo, emquanto o Demo esfrega o rabinho do olho!!...

Luiz Ferreira (Lambisgoia).

Não há em tôdo o Mundo um paiz mais reinadio do que o nosso; tudo isto é uma reinação pegada; tudo uma grande pandega e todos uns grandes pandegos.

Um bello dia dá na venêta dos principaes amigos da risota,de fazerem os filhos medicos,e como o numero chega a ser muito superior aos dos doentes, apesar dos esforços titanicos da medicina, trata-se de inventar logares para os Ex.mos Srs. Doutores, com os nomes mais espalhafatosos e esplondrificos, com pretextos de salvação publica e de hygiene nacional, quando afinal são simples e unicamente comissões de auxilio mutuo, economico e financial.

Depois tráta-se da reorganização das forças ultramarinas, com relatorios farfalhudos, d'onde brotam coroneis em tanta abundancia, que estamos já a vêr levada a effeito a colonisação das nossas possessões, feita com os elegantes officiaes de calções a Chantilly, e os cofres Ultramarinos esgotados de penuria.

O bom censo está indicando a suppressão da unidade regimento e, com ella, a diminuição do numero de coroneis, que, á maneira da Suissa, passariam a commandar divisões na metropole, quando uma duzia de maduros se lembra de espalhar pelas colonias uma chuva de coroneis que até o padre eterno nomeou uma commissão de prophetas para virem a Portugal saber se tinha sido descoberta alguma mina de diamantes.

●

N'uma cidade da America do Norte constituiu-se uma sociedade de senhoras, em geral casadas em segundas nupcias ou divorciadas, que se propõem fazer propaganda entre as meninas solteiras, para não casarem com homens de menos de 40 annos de edade, sob o pretexto de que os rapazes novos não são bastante delicados para ESPERAREM pelas senhoras, nos MOMENTOS PRECISOS, como por exemplo, quando se trata jogos sportivos ou desafios de natação.

N'estes desafios, disem as gentis americanas, os rapazes abusam sempre da sua força e destreza, deixando as meninas muito longe da PRAIA, quando elles já teem chegado á META, emquanto que os homens já maduros, ou de certa idade, sabem condusir-se de modo a deixarem que as suas gentis antagonistas CHEGUEM primeiro, ou pelo menos ao mesmo tempo, para terem a suprema ventura de lhes cederem o PREMIO, que quasi sempre consta d'um objecto D'ARTE, que por esta mesma rasão, é muito agradavel ás senhoras.

Pela nossa parte, estamos plenamente d'accordo, tanto mais que já passamos o Rubicon do minimo que as senhoras americanas julgam conveniente para não serem DESCONSIDERADAS.

●

Viva a Inglaterra. Aquilo sim! Assim é que cá se devia fazer! Até dá gosto a gente olhar para aquella gravura do Seculo n.º 11.283 de sabado 10 do corrente, sob o titulo = Nas prisões inglesas. = A qualquer canto, a proposito de tudo e de coisa nenhuma, se houve os Ex.mos talassões e Ex.mas talassinhas diserem que isto é um paiz perdido — não ha nada como a Inglaterra — ali é que ha a verdadeira, e genuina liberdade, lá tudo é bom, cá tudo é mau — na Inglaterra tudo é mesquinho — Vejam o carinho com que lá se tratam os presos — aquilo sim. Os prezos em Portugal, deviam ter o mesmo tratamento que na Inglaterra, serem julgados como na Inglaterra, e considerados como na Inglaterra.

Viva a Inglaterra.

Vivóóóóóóóó.

•

Querem Vossas Ex.as saber onde mais dóe aos eminentissimos e reverendissimos, excelentissimos e illustrissimos defensores da santa religião catholica?

Pois então lá vai, e não levamos nada á NAÇÃO pelo reclamo. Diz ella:

«A lei da separação, copiada servilmente da Franceza, não permitte á egreja ser proprietaria dos bens que os seus adeptos lhe queiram legar, propositadamente para lhe negar os meios de poder ezistir, sendo assim muito peior do que a lei Franceza, que comparada com a lei do Sr. Affonso Costa, é ouro sobre azul.»

Então é bico ou cabeça?

Vossas eminencias reverendissimas não se recordam que hoje ha muito quem saiba dar valor ás suas excelsas virtudes?

Podem ter a certeza de que no coração de todos os Portuguezes jamais haverá olvido ou ingratidão para todos quantos se tenham sacrificado no altar da Patria, para receberem o premio merecido.

Entendido?

Abelha Mestra.

Comêr á farta

O sr. Antonio Macieira tem, ultimamente, offerecido jantares em barda a todos os ministros das potencias.

Por isso é que os membros do corpo diplomatico andam tão gordos!...

No reino da chiméra!

Minha bella feiticeira!
Tens um dote menos máu,
De origem bacalhoeira...
Rescendes a bacalhau!
E quem será o marau
Que terá a *maganeira*,
De timonar essa náu,
Tão cheirosa e tão veleira!...

Zé pequeno

Alcovitices

Do jornal *O Seculo:*

L

Como me senti feliz em vêl-a! Amo-a... muito... muito... com todas as forças de um coração dedicado e sou correspondido, não é verdade? Leia jornal proximo sabado.

Aconselho-a, minha senhora em logar de L mandá-lo para a letra F.

■

Do *Seculo:*

Grilo

Embora descontente, continuo o mesmo.

E' sempre assim. Em começando a chegar os nove mezes andam sempre descontentes.

●

Do mesmo jornal:

R,

tudo. Como és b, queri! Impaciente p, ser feliz 14-6.

Ora se pode. Deixe chegar a primeira noite que até parece um felizardo.

Ahcor.

O Povo

Ha dias *O Povo*, jornal que tem sido sempre democratico da gêma, publicava um artigo do fundo muito sensato e muito bem escripto, onde transpareciam muitas carapuças a applicar ao sr. Affonso Costa.

Muito bem. Felicitamos o sr. Ricardo Covões pela sua digna attitude.

O ZÉ no theatro

Está por pouco a companhia do *Coliseu*. Eis uma noticia que vae encher de magoa todos os apreciadores de bôa musica que assim não faltarão uma unica noite ao *Coliseu*. No *Republica* estreia-se hoje a companhia Italia Vitaliani, precedida da maior fama dos palcos que tem vindo a percorrer em tournée artistica. A peça de hoje é a celebre «Odette» de Sardou e a companhia dará 8 espectaculos, todos com peças novas, o que quer dizer que o *Republica* terá 8 enchentes. O *Nacional* apresentou a «Noite do Calvario» do nosso estimado dramaturgo Marcelino de Mesquita e tem em ensaios duas peças que devem causar sucesso pois que ambas ellas são de molde a agradar em absoluto aos frequentadores do *Nacional*. Diz-se que a revista «A'lerta» é para o *Avenida* um fitão inexgotavel e que nos admira isso se o «Sonho dourado» agora completamente refundido ha de dar 300 no *Apollo*. No *do Povo* a revista «Ah! pá!!» agrada imenso todas as noites e o *Gymnasio* caminha com a «Conspiradora», peça historica de grande espectaculo, para a 50.ª O *Trindade* tem compensado a empreza da despeza que fez com a montagem maravilhosa do «Querido Agostinho» e pelo *Moderno* tambem as coisas correm risonhas sendo o «Annel da princeza» uma peçita muito alegre.

ANIMATOGRAPHOS

SALÃO FOZ — Continua gozando da maior concorrencia e apresenta numeros de grande sucesso.
OLIMPIA — Concertos por um septimino excelente e fitas variadas.
TRINDADE — Os melhores concertos da capital.
TERRASSE — As ultimas novidades do extrangeiro. Estreias todas as noites.
CENTRAL — Programa de concerto escolhido a capricho e de animatographo cheio de novidades.
IDEAL — Apresenta fitas falladas de grande dramatisação e agrado certo.
ANJOS — Tem a opereta «Doiradinha» e fitas escolhidas.

AHI VEM A RUSGA!...

O' seu chefre!... Escusa de estar á cóca, porque o meu Zé não apanha você!...